

# Brasil precisa de US\$ 8 bilhões

15 JUL 1983

por Tom Camargo  
de Londres  
(Continuação da 1ª página)

a respeito só aconteceria depois de um acordo com o FMI.

Na terça-feira os bancos ingleses, que, sob a coordenação de Lloyds International, estudam as diversas faces da crise brasileira, reuniram-se para estudar o relatório trazido por Robin Chapman, economista sênior do próprio Lloyds, há mais de uma década especialista em Brasil.

As assertivas básicas que definem os US\$ 8 bilhões como a necessidade brasileira para o próximo ano e meio são as seguintes:

- Obtenção de um superávit comercial de US\$ 6 bilhões em 1983, com desempenho na mesma faixa em 1984.

- Manutenção do programa com o FMI, capacitando o país a receber também recursos a ele vinculados, como os desembolsos do Projeto 1.

- Manutenção dos projetos 3 e 4 aos níveis atuais, o que significa dizer a renovação, junto às agências de bancos brasileiros no exterior, dos depósitos feitos por bancos estrangeiros no atual montante de US\$ 6,1 bilhões. No caso das linhas comerciais, o projeto 3, seria necessário que os recursos comprometidos verbalmente, e que superaram os US\$ 9 bilhões, efetivamente se materializassem.

- Pagamento, em 1984, de todas as operações bancárias vencidas no ano.

- Pagamento das duas parcelas restantes do Banco para Compensações Internacionais. Além da que vence hoje, há uma a pagar em agosto próximo.

Apesar de os bancos comerciais já estarem sendo sondados quanto a uma adesão a uma nova operação, é certo que as responsabilidades deverão ser divididas entre os próprios bancos comerciais, organismos multilaterais e órgãos do governo, como o Tesouro norte-americano.

## CARGA

"Não existe a menor possibilidade de que venhamos a assumir a maior parte da carga", disse um banqueiro inglês a este jornal, na Alemanha, onde é possível se escutar duras críticas à equipe econômica brasileira e exige-se, com habilidade teutônica, sinais claros de que mudanças estruturais estão em andamento.

Quaisquer que sejam as reações de momento, há também indicações inequívocas de que esta rodada de negociações deslizará melhor do que as anteriores. O comitê de assessoramento do Brasil, em Nova York, deverá, depois do ajuste com o FMI, propor um conjunto de medidas destinadas a levantar novos recursos, definindo também os papéis que deverão ser cumpridos por cada uma das partes.

GAZETA MERCANTIL

*dívida externa*

# Brasil precisa de US\$ 8 bilhões

por Tom Camargo  
de Londres

Mesmo que acerte com o Fundo Monetário Internacional (FMI), como está em via de fazer, e mesmo que obtenha um superávit comercial de US\$ 6 bilhões em 1983 — repetindo a dose em 1984 —, o Brasil precisará de US\$ 8 bilhões em novos empréstimos nos próximos dezoito meses.

Admitindo-se que as taxas de juros norte-americanas permaneçam em torno do patamar atual de 10,5% e o preço do óleo não quebre a marca dos US\$ 31 por barril, esta será a quantia necessária para que o País normalize suas contas externas.

Tal número é parte do resultado do trabalho que sete economistas, representantes de sete grandes credores brasileiros de cinco países diferentes, desenvolveram no Brasil entre o final de junho e início de julho. Um relato verbal já foi feito ao comitê que assessorará a dívida brasileira em Nova York; depois disso os técnicos europeus e japoneses voltaram a seus países, onde passaram as informações para seus próprios bancos e para os demais credores brasileiros em cada praça.

Dos US\$ 8 bilhões, US\$ 3 bilhões deveriam ser levantados ainda em 1983. Ontem, informações coletadas em Londres e na Alemanha indicavam que um telex já teria sido expedido de Nova York, solicitando adesões a um empréstimo-jumbo de US\$ 3,6 bilhões, a ser encaminhado "assim que acerte os ponteiros com o FMI".

Estes US\$ 3,6 bilhões compreenderiam os US\$ 3 bilhões calculados pelos economistas — e que se refeririam à defasagem verificada na área de empréstimos interbancários, onde se pediram US\$ 9 bilhões, mas escrituraram-se apenas US\$ 6 bilhões —, mais US\$ 600 milhões, que cobririam o atual nível de pagamentos de juros atrasados junto aos bancos comerciais.

Um grande credor do Brasil calculou ainda ontem, na City, que o total de atrasos já supera US\$ 1,3 bilhão.

A receptividade ao pedido do jumbo de US\$ 3,6 bilhões ainda não pode ser testada entre os banqueiros ingleses. Um deles disse que havia ouvido falar do telex, mas não o havia recebido; na Alemanha admitiram o recebimento da correspondência, mas disseram que qualquer decisão

(Continua na página 14)